



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_13/2017

Homilia no dia da Marinha

Caxinas, 21.mai.2017, 09h

Nossa Senhora da Esperança

No dia 20 Maio de 1498, Vasco da Gama chegava a Calecute, na Índia, depois de uma aventura profundamente pensada mas que comportou vários riscos. Hoje, celebrando o dia da Marinha, queremos recordar este evento histórico, permitindo que deixe interpelações à Marinha e à alma portuguesa.

Ao interpretar os factos históricos, podemos encará-los como mera recordação ou perspectivando um futuro através de compromissos com o momento presente. Fixar os olhos naquilo que foi, sem colocar em questão o hoje, pode redundar no mero e estéril exercício da curiosidade. Não queremos que as comemorações se repitam anualmente sem incidirem no concreto. É necessária vitalidade e novos horizontes para a Marinha Portuguesa e para quantos participam nas celebrações. Este ano encontramos-nos numa aldeia piscatória onde o mar entrou no coração das pessoas. Neste mar aconteceram coisas maravilhosas mas, ao mesmo tempo, ele deu-nos recordações trágicas de mortes que todos gostariam de ver evitadas.

É neste ambiente que podemos e devemos inspirar-nos nos conselhos do Papa Francisco. Diz o Santo Padre que tudo deve ser vivido como memória agradecida do passado, como presente a viver com paixão e com responsabilidade na construção do futuro. Aqui e agora, procuremos fazer memória, com sincera gratidão, a quantos nos antecederam, a quantos deixaram os seus nomes nos anais da História. Fazemos ainda memória daqueles que gastaram os seus dias, em lides de ousadia e de coragem, arriscando a sua vida. Algumas dessas vidas foram, como sabemos, ceifadas inesperadamente. A Marinha Portuguesa merece um gesto de profunda gratidão e a terra das Caxinas associa-se, por isso, a este hino de louvor por tantos que anonimamente contribuíram e contribuem para o bem estar, social e económico, dos portugueses. Exultemos de alegria pela trajectória da sua vida e sejamos dignos da herança de marinheiros ilustres que se aventuraram no desconhecido, assim como de gente simples e humilde a quem o mar não meteu medo mas fez-se o colo onde embalaram a sua fé e coragem.

Fazer memória não nos dispensa de saber estar no presente para o viver com paixão. Somos herdeiros de um povo ligado ao mar, com verdadeira vocação marítima, o que nos faz valorizar ainda mais a salvaguarda da defesa nacional e as oportunidades para a economia de um país. Esta aventura nunca pode ser entendida como simples actividade militar ou de procura de comida. Quando é encetada com a paixão de quem abraça uma causa torna-se um paradigma inspirador e fonte de realização pessoal. Sabemos que a sociedade está marcada pelo fenómeno da globalização. A Marinha



recorda-nos que em terra teremos de viver para aproximar, para construir pontes e para mostrar que as borrascas do mundo hodierno não nos emparedam atrás das ondas do anonimato. Portugal descobriu novas terras e culturas e aí semeou a sua cultura sem destruir, em quase todos os casos, a originalidade dos povos encontrados.

O mundo não pode ser um arquipélago isolado sem possibilidade de acesso. Estamos vocacionados para a universalidade, o que implica abater os muros da indiferença e do desencontro. Os navios e os barcos, grandes ou pequenos, chegam a todas as partes e unem culturas e povos. É esta nova cultura do encontro que teremos de construir, no mar e fora dele, para acabarmos com fundamentalismos e terrorismos e cantarmos o hino da fraternidade e da unidade entre todos os povos. Não é fácil! Se os portugueses partiram do Tejo para mundos desconhecidos, unindo continentes e estabelecendo relações com novos povos, esta é a paixão que devemos emprestar a todos os aspectos da vida e acreditar que um mundo melhor é possível.

Quando o presente é encarado com paixão e amor às causas, o futuro é uma porta aberta à esperança. Basta a vontade de o construir com abnegação e dedicação. Parece que a esperança num mundo diferente e melhor desapareceu. Como consequência, adormece-se pensando que as ondas do mar da vida desapareceram. Importa hoje continuar a partir para fazer história com ânimo renovado e com a coragem dos grandes navegadores. A esperança deve ser desenterrada, acreditando que é possível viver em qualquer tipo de mar. As agitações não amedrontam mas geram vontade de luta e permitem estar com ousadia em todas as situações, olhando para o que importa ser ou fazer e nunca nos adaptando àquilo que todos fazem. A esperança nasce todos os dias quando se acorda para a responsabilidade de construir uma sociedade mais igual e humana.

S. Pedro dizia-nos na segunda leitura que era melhor padecer por fazer o bem do que por fazer o mal. O bem desafia-nos permanentemente e podemos esperar um amanhã melhor se soubermos interpretar a lógica de que tudo nasce do esforço de cada um. Adaptamo-nos com demasiada facilidade ao que se torna corrente ou banal e não queremos ter princípios e orientações como verdadeira bússola que nos orienta para o porto seguro de uma Humanidade que nunca desespera mas recomeça permanentemente, acreditando que o bem nunca acabou de ser realizado. Há sempre algo de novo a realizar e com a nossa vontade em fazer o bem, individual ou nacional, e através daquilo que realizamos, e nunca da hegemonia das palavras sem conteúdo, estamos a “responder sobre a razão da nossa esperança”, como ouvíamos nas leituras. Esperamos e acreditamos que é possível um Portugal melhor porque mostramos com obras de justiça e fraternidade que o melhor está sempre para acontecer. Se os pescadores se contentassem com uma boa pesca, os nossos marinheiros com uma terra descoberta, nunca teríamos peixe suficiente nem territórios que constituíram um autêntico império que parecia estar para além das forças de um país exíguo e com pouca população. Esta é a arte de sonhar e acreditar que a esperança exige sempre mais pois desinstala-nos e provoca-nos para caminhar.

Neste dia da Marinha, quis fazer memória do passado maravilhoso da nossa história para deixar o desafio de que importa, cada um no seu lugar, interpretar o presente com paixão para que o futuro seja de esperança para todos. Para os crentes, e aqui deveremos ser a maioria, sabemos que navegar no mar agitado da vida nunca é problema sério. Deus nunca nos deixará órfãos. Há sempre um pai



que caminha connosco e que nos diz que podemos e devemos acreditar no seu amor para o vivermos entre nós com alegria e responsabilidade.

Neste ano em que celebramos o centenário das aparições de nossa Senhora de Fátima, dêmos valor à Padroeira de Portugal e lutemos para que o nosso país seja sempre terra de Santa Maria. Que nossa Senhora do Mar, Nossa Senhora da Guia e, de um modo muito particular, Nossa Senhora da Esperança, como Pedro Álvares Cabral a invocava, nos conceda a certeza de um país que acredita nas suas forças e capacidades e que, por isso, sabe que o amanhã sorrirá com felicidade para todos.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*